



DOI 10.20396/conex.v16i3.8652918

Entrevista

Não foi casualidade - o circo como opção profissional: entrevista com André Sabatino

Marco Antonio Coelho Bortoleto¹
Rita de Cassia Fernandes Miranda²

RESUMO

Mais do que o resultado de uma entrevista, o presente texto expressa um diálogo que se prolongou por muitos anos. Trata-se, pois, de um relato comentado e referenciado sobre a trajetória profissional de André Sabatino desde sua formação inicial em Educação Física até a consolidação de sua carreira como artista circense. Seu percurso mostra claramente que a universidade pode e deve ser um espaço mais arejado, amplo e diverso. Suas palavras reforçam a ideia de que as experiências formativas no campo da Educação Física precisam oferecer diferentes oportunidades e permitir “alçar distintos voos”, incluindo, por que não, o da profissionalização artística. Um exemplo potente de que as fronteiras do conhecimento e das “disciplinas universitárias” precisam ser revistas, visando contribuir para uma educação alinhada aos desafios contemporâneos.

Palavras-chave: Circo. Formação Inicial. Arte. Educação Física. Universidade.

¹ Universidade Estadual de Campinas

² Universidade Federal de Uberlândia

Recebido em: 13 jul. 2018

Aprovado em: 15 set. 2018

Contato: bortoleto@fef.unicamp.br

Not a coincidence – the circus as professional option: interview with André Sabatino

ABSTRACT

More than the results of an interview, the present article expresses a dialogue that has been taken years. It is about a report, commented and referenced, about the professional path of André Sabatino since his early under-grade education in Physical Education until the consolidation of his career as a circus artist. His trajectory clearly shows that the University can have and also need to be a more amplified diverse space. His words reinforce the idea that the formative experiences in the Physical Education field need to offer different opportunities and allow the reach of different “flights”, and why not include, the artistic professionalization. A powerful example that the knowledge frontiers and the “undergraduate subjects” need to be revised, aiming to contribute to an education aligned to the contemporary challenges.

Keywords: Circus. Initial Education. Art. Physical Education. University.

No fue casualidad – el circo como opción profesional: entrevista con André Sabatino

RESUMEN

Mucho mas que el resultado de una entrevista, ese texto expresa un diálogo que se extendió por largos años. Tenemos, pues, un relato comentado y fundamentado sobre la trayectoria profesional de André Sabatino desde su formación inicial en Educación Física hasta la consolidación de su carrera como artista circense. Su trayectoria personal revela claramente que la universidad puede y debe ser un espacio mas airado, amplio y diverso. Sus palabras refuerzan la idea de que las experiencias educativas en el terreno de la Educación Física necesitan ofrecer diferentes oportunidades y permitir “distintos vuelos”, incluyendo, por que no, el de la profesionalización artística. Un ejemplo contundente de que las fronteras del conocimiento y de las “disciplinas universitarias” requieren revisión, buscando contribuir para una educación ajustada a los desafíos contemporáneos.

Palabras Clave: Circo. Formación Inicial. Arte. Educación Física. Universidad.

APRESENTAÇÃO

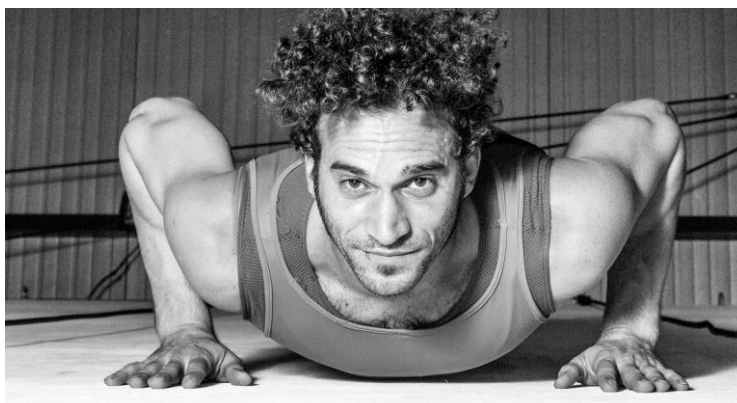


Figura 1: André Sabatino – Treinamento 2016.

Ao longo de seus 30 anos, a FEF-UNICAMP consolidou-se como uma importante instituição na formação de profissionais de Educação Física, alcançando reconhecimento nacional e internacional por sua qualidade, conseguindo consolidar algumas áreas do conhecimento, como o lazer, o treinamento esportivo, a educação física adaptada e a educação física escolar, por exemplos. Pioneira na dupla titulação (bacharelado – atualmente graduação; e licenciatura) a faculdade construiu uma particular forma de preparar seus alunos para as mais diferentes áreas de atuação da Educação Física, das escolas aos laboratórios de pesquisa, ou ainda, dos clubes desportivos às entidades gestoras³.

Paulatinamente, a partir do final da década de 1990, as iniciativas de alguns docentes somadas ao intenso envolvimento de diversos alunos – dentro e fora dos muros da universidade – vimos emergir uma particular aproximação com o campo das artes (PAOLIELLO et al., 2014), revelando possibilidades de atuação profissional, dentre elas a carreira artística, ou mais precisamente, a de artista circense (BORTOLETO et al., 2016).

Em mais de duas décadas, a FEF-UNICAMP não foi omissa, pelo contrário, atuou promovendo o desenvolvimento e dando total apoio às diferentes iniciativas⁴, bem como aos discentes que buscavam diálogos com as artes (música, dança, teatro e o circo), incorporando a partir de 2006 uma disciplina eletiva sobre circo (EF962) em seu curso de graduação. Nesse mesmo período, consolidaram-se um conjunto de projetos de extensão os quais ampliaram ainda mais as possibilidades de formação inicial e continuada, beneficiando a comunidade acadêmica, bem como fomentando novas discussões e pesquisas nessa área (BORTOLETO; CELANTE, 2011; MIRANDA, 2015).

Por conseguinte, observamos diferentes alunos da FEF-UNICAMP optarem pela carreira artística (dança, teatro, música), combinando-a com a Educação Física ou, em alguns

³ Breves notas sobre a história da FEF-UNICAMP: <https://www.fef.unicamp.br/fef/historico/inicio>

⁴ Disponíveis para consulta em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/posgraduacao/gruposdepesquisa/circus>

casos, dedicando-se exclusivamente à ela. Alguns desses alunos, decidiram tornar-se artistas circenses profissionais⁵, passando a atuar em companhias nacionais e internacionais, ou convertendo-se em empreendedores com suas próprias empresas/companhias artísticas, como bem discute Duprat (2014)⁶, ou ainda como vemos na entrevista realizada com outra ex-aluna da FEF-UNICAMP Mariana Maekawa que foi durante muitos anos artista da companhia canadense *Cirque du Soleil* (BORTOLETO, 2015).

Com o objetivo de compreender essas trajetórias acadêmico-profissionais, suas particularidades, desafios e conquistas, tratamos nessa oportunidade de dialogar com o artista circense e graduado em Educação Física pela FEF-UNICAMP, André Sabatino⁷. Esperamos por meio desse diálogo, poder revelar informações que motivem os futuros profissionais da área a observarem todas as possibilidades existentes no campo profissional, e não somente aquelas mais aparentes ou consolidadas na tradição da Educação Física.

1. Caro André, poderia nos contar como foi o seu envolvimento com a Educação Física e o esporte?

Eu e meu irmão éramos desde pequenos um grande desafio para minha mãe, que tinha que lidar diariamente com duas crianças extremamente agitadas e que deixavam as coisas de “pernas pro ar”. Aos 7 anos de idade, após experimentar diversas modalidades (futebol, caratê, natação, tênis...), encontramos na Ginástica Artística a motivação e a paixão que buscávamos, desencadeando uma carreira de 13 anos como atleta. Para “alívio” de minha mãe, os irmãos Sabatino canalizaram sua energia para a prática desse esporte, na cidade de Campinas-SP, com o técnico Rubens Celso Martins, no Clube Sociedade Hípica de Campinas. Essas experiências com a ginástica foram de grande valor, pois permitiram a participação em competições e eventos esportivos em âmbito regional, estadual e nacional, possibilitando viver o ambiente esportivo/competitivo da realidade brasileira, cuja falta de estrutura física e condições para o treinamento são notórias (OLIVEIRA, BORTOLETO, 2009). Contudo, tais experiências me ensinaram a resistir e lutar mais ainda pelo que acredito.

2. Você poderia nos relatar como foi sua formação inicial em Educação Física e como o circo foi sendo incorporado à sua vida?

Cursar Educação Física foi a maneira que encontrei para seguir estudando e aprimorando minhas experiências com o esporte, mais especificamente com a GA. Embora minha experiência com o treinamento tenha sido intensa e positiva, conheci na FEF as particularidades da licenciatura que me chamaram a atenção, revelando um outro lado, muito

⁵ Para citar alguns: Gustavo Arruda Carvalho, Conrado Federicci, Rafael Madureira, Marina Guzzo, Andrea Desiderio, Marcio Parma, Thiago Sales Claro, Daniela Helena Calça, Marcelo Cazzarin, Rodrigo Mallet Duprat, Mariana Maekawa, Heber Teixeira da Silva, João Paulo Simão, Luiza Rodrigues, Daniel Lopes, Murilo Toledo entre outros.

⁶ Reportagem Jornal Unicamp: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/607/tem-diploma-no-circo>.

⁷ Mais detalhes sobre a carreira artística em: www.irmaossabatino.com.br ou <https://www.facebook.com/irmaossabatino/>

distinto às minhas inquietudes referentes ao alto rendimento esportivo. De fato, eu escolhi a “FEF” dentre outras três possibilidades, pois tinha sido aprovado também no vestibular em Educação Física na UFSC (Florianópolis – SC), na USP (SP) e na PUCC-Campinas, nessa última em Engenharia Ambiental. A escolha pela Unicamp foi motivada pela qualidade do ensino, na época incontestavelmente um dos melhores do Brasil e, também, pela proximidade com outros institutos, como o de Artes, onde eu sabia que havia muita coisa interessante no curso de Artes Cênicas e na Dança.

Paralela e coincidentemente ao meu desenvolvimento acadêmico e como artista circense, meu irmão mais velho, Martin Sabatino, percorre uma trajetória parecida, porém em outro endereço e localidade - São Paulo. cursando a Faculdade de Esporte na USP, ele também se envolve no ambiente circense paulistano. Trabalhando como artista e professor de circo na cidade de São Paulo meu irmão começa a colaborar com grupos como Acrobático Fratelli e o Galpão do Circo.

De fato tivemos uma trajetória muito similar, apesar de pouco nos falarmos e encontrarmos. Seguimos caminhos parecidos, porém separados e, com o passar do tempo, após atuarmos em diversos grupos e contextos circenses, percebemos que juntos poderíamos construir a nossa própria maneira de ver e viver o circo, e talvez criar uma identidade e unidade. Assim, fundamos a Cia Irmãos Sabatino em 2008, ano em que oficialmente concluí meus estudos acadêmicos.

3. Comente, por favor, como foi construída sua experiência circense, destacando a formação, a atividade artística e outros aspectos que julgar relevantes.

Acredito que tudo começou quando ainda era criança, embora não me lembre de quando precisamente, mas recordo-me muito bem daquele momento que marcou minha vida, determinando meu futuro, mesmo sem saber. Foi a feliz ideia do meu pai em levar-nos ao circo, eu e meu irmão. Ficamos encantados com os palhaços e emocionados com os trapezistas. Recordo-me que pensamos e comentamos: queremos ser trapezistas!

Mal sabia meu pai que foi aquele dia que despertou meu desejo de alçar voos pelos circos do mundo. O tempo passou, a carreira esportiva teve sua trajetória e foi onde tive um primeiro contato ainda criança com a possibilidade de ser um artista. Outra oportunidade significativa dentro da Universidade foi por meio de uma oficina de tecido ministrada por Beatriz Evrard (integrante do GGU e aluna do IA-UNICAMP na época, e que já atuava artisticamente com diversas companhias da capital (São Paulo) dentre elas a emblemática “Nau de Ícaros”. Para mim foi fascinante, e após este primeiro contato com o tecido passei a ser um “aerealista”. Movido pela ideia de aprofundar minha expressividade como acrobata aéreo, fiz outra oficina fora do meio acadêmico, oferecida pela Cia Paraladosanjos de Barão Geraldo (Campinas-SP), ministrada por Marcos Becker e Marília Ennes. Esse maravilhoso encontro mudou “meu mundinho”, expandiu-o e possibilitou experiências corporais que nunca tinha imaginado. A expressão corporal foi acontecendo de maneira cada vez mais intensa e profunda.

Importante ressaltar que o grupo Paraladosanjos foi fortemente inspirado e alinhado com os conhecimentos do teatro físico, influenciados diretamente pela proposta do Lume Teatro (Núcleo de Pesquisas Teatrais da UNICAMP) (BURNIER, 2001), que por ter um pesquisa consolidada, vem permitindo que a arte se democratize e enraíze em diversos ambientes. Tenho certeza de que precisamos, sem dúvida, de “eventos disparadores” como diria Chioda (2018) para nos sensibilizar. E foi na FEF-UNICAMP onde tudo passou a se entrecruzar e conectar, possibilitando um rico leque de opções e oportunidades.



Figura 2 – André Sabatino – Performance no Trapézio em Balanço, 2015.

De tão intensa e maravilhosa a experiência, não só para mim, mas para todos que fizeram o curso, resolvemos continuar as pesquisas sob a coordenação da Cia Paraladosanjos e formamos o grupo de pesquisas físicas acrobáticas Tratepa. Grupo que depois foi convidado a integrar oficialmente a mesma companhia, com a criação do primeiro espetáculo “Devaneios sobre a Tempestade” de livre adaptação da obra de William Shakespeare. Cabe indicar aqui que, felizmente, Barão Geraldo se mostra uma fonte inspiradora para amantes das artes do teatro, música, dança e circo.

Outro contato significativo também orientado pela Cia Paraladosanjos foi a indicação para conhecer uma grande personalidade do circo tradicional. Refiro-me a Sra. Marion Brede, e seu marido Felixmar que naquela época utilizavam a garagem e o quintal da sua casa para ensinar técnicas de trapézio, equilíbrio em bola, estafas e diversas possibilidades de fazer circo. Marion é detentora de muito conhecimento e uma grande história nos picadeiros e circos do mundo e principalmente do Brasil⁸. Cabe salientar também que frequentei aulas

⁸ De forma semelhante, os relatos de Coelho (2016) e Stoppel (2017) indicam as famílias circenses como fontes fundamentais para sua formação artística, mas, identificam seus “mestres”, como o faz André Sabatino. De fato, a presença e ação dos circenses brasileiros revelam um modo particular de construção histórica, com um

regulares e fiz a minha “segunda faculdade” com Marion e sua família, no caso seu filho Alex Brede, ex-trapezista de voos que se tornou professor e mestre da Cia do Circo. Com o mestre dos trapézios tive um intenso período de treinos na modalidade "Trapézio em balanço". Nesse mesmo período, iniciei uma longa pesquisa acerca dos trapézios de voo (incluindo o “petit volant” e o trapézio em balanço). Já nos malabares, integrei a primeira formação do grupo “LosCirculos”, grupo ainda em ação.

Em meio a este efervescente contexto, repleto de conhecimentos e aprendizagens artísticas em todas as áreas, surge um coletivo de ocupação que dá origem ao Espaço Cultural Semente, palco de muitos cabarés (shows de variedades), cursos, festivais, enfim um rico laboratório (espaço de criação) de muitos espetáculos e grupos locais.

Minha trajetória profissional me levou a integrar importantes grupos circenses, dentre eles: Acrobático Fratelli, Cia K, Grupo Ares, Circo Zanni, Oscar Orfei (Itália), Ronny Roller (Itália) e Circo Luis Knee Junior (Holanda).

Por fim, juntamente com meu irmão, Martin Sabatino, fundamos em 2008 o grupo Irmãos Sabatino, com o qual criamos diversos números, performances e espetáculos de pequeno, médio e grande porte. Desde então nos apresentamos em festivais, circos e teatros no Brasil e no mundo, agregando outros artistas e interagindo com outras companhias.

4. Você acredita que sua formação em Educação Física contribuiu de algum modo para sua experiência como artista circense profissional? Há alguma relação que mereça destaque?

Sim, e muito! A Faculdade de Educação Física foi a possibilidade de entrar em contato com uma vasta rede de pessoas, grupos, pesquisadores e também fazedores de circo, além de servir “de ponte” para acessar outras faculdades e profissionais da música, dança e teatro. A Universidade criou a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos na teoria e na prática, como, por exemplo, minha monografia de conclusão de curso e a possibilidade de desenvolver este tema na Universidade.

A FEF-UNICAMP me proporcionou domínio sobre a leitura e a escrita acadêmica, um conhecimento que posteriormente muito contribuiu para minha profissionalização artística, ajudando, por exemplo, a entender e otimizar minha atuação junto ao burocrático sistema de financiamento público da cultura (editais de incentivo, programas culturais, leis de incentivo, editais para festivais...). Assim, uma vez estando com o curso de graduação em andamento, tive a oportunidade de encontrar, trocar e vivenciar o circo, algo presente nas atividades de alguns projetos de extensão como o GG-FEF (Grupo Ginástico da Faculdade de Educação Física) e o GGU (Grupo Ginástico da Unicamp), grupos que ressaltam as características de misturar em suas coreografias diversas formas de expressão, circo, ginástica acrobática, dança, jogos coletivos, culturas folclóricas e populares (PAOLIELLO et al., 2014).

significativo impacto sobre o ensino do circo para estes novos sujeitos históricos circenses, não oriundos dos grupos familiares (BORTOLETO; SILVA, 2017; MATHEUS, 2016).

Outro aspecto muito positivo que o meio acadêmico ofereceu de forma "indireta" foi uma preciosa e rara oportunidade de conhecer e poder experimentar o circo que surgia em seus interiores com significativo fervor e pluralidade. Ou seja, os próprios alunos/artistas que lá estudavam, utilizavam o "ginasião" em horas livres para treinar, pesquisar, criar e trocar. Eram diversos estilos e modalidades circenses, perfazendo um ambiente rico, motivador e inclusivo, pois naquele espaço era possível ver malabaristas, acrobatas aéreos nos tecidos, roda alemã, acrobacias, ginástica acrobática, banquini, cama elástica, mágica e palhaçadas. Todo este ambiente rico e plural de convívio permitiu experienciar diversos estilos e conhecer diferentes artistas, ampliando meus horizontes circenses, formas de expressão e pesquisas.

Conhecer o circo nesse período foi uma oportunidade para seguir utilizando minhas habilidades corporais, sem a pressão da competição, e continuar lidando com questões de autossuperação. Com o circo surgiu a possibilidade de criar e me reinventar. Nada mais motivante para um jovem aventureiro que encontra um novo mundo a ser explorado.

Após escolher a licenciatura como opção acadêmica e por meio dela permitir um contato valioso com escolas básicas onde fiz delas meu laboratório do poder de atração das práticas circenses, resultando minha monografia (TCC) "Circo e Palhaço: relações com a Educação Física", orientada por Katia Danailof (na época doutoranda da FE-Unicamp e atualmente professora na Faculdade Metropolitana de Campinas – METROCAMP). Neste trabalho, finalizado em 2003, minhas intenções e desejos de aprofundamento e suas possíveis aplicações práticas e teóricas foram abordadas e pesquisadas.

De grande valia para a minha formação, foram os conhecimentos mediados pela Universidade no que se refere à anatomia, fisiologia e biomecânica que instrumentalizaram e ampliaram os recursos acerca do funcionamento do corpo humano, experiências estas que são utilizadas até hoje, como artista/atleta para dar ao corpo os estímulos necessários para o melhor desempenho.

A Universidade forneceu ferramentas incríveis, um ambiente rico e plural, mas para a minha formação como artista tive que buscar fora do ambiente acadêmico este complemento. O circo é rico, vasto, complexo e desafiador no qual existem infinitas possibilidades e tradição. Muito do que se pode imaginar já foi feito e pensado no circo, requerendo, portanto pesquisa constante e ampla. Precisamente por isso, acredito que uma Faculdade de Educação Física torna-se uma grande aliada, fornecendo um importante embasamento para o estudo do corpo humano e sua motricidade. As potencialidades são, evidentemente, parte disso tudo.

Acredito também que um curso superior específico de Circo teria um enorme impacto para esse segmento cultural, assim como as faculdades de dança, teatro, música tem. Por que não um curso superior de Circo? Acredito que já é tempo de pensarmos e defendermos esta possibilidade. De fato, muitos são os exemplos de países que pensam o circo como uma possibilidade de formação superior. França, Canadá e Bélgica são as principais referências atuais, com instituições voltadas ao ensino profissionalizante (e também superior) e o

desenvolvimento de pesquisas das mais variadas naturezas. Não tenho dúvidas que projetos sólidos e consistentes com resultados de altíssimo nível e de grande impacto na “indústria cultural” possuem relação com projetos educativos sólidos. Não faltam exemplos!

5. Você conhece outros artistas circenses que também tiveram formação no esporte e na Educação Física?

Sim, são muitos os exemplos de artistas que tiveram uma formação acadêmica em Educação Física. Conheço também muitos artistas de circo que não tem formação acadêmica, mas gostariam de cursar o ensino superior, especialmente uma faculdade de Educação Física, pois dentre todas as opções parece ser a que mais se aproxima do Circo.

No meu caso, foi graças a Gustavo Arruda de Carvalho (“Guga”), outro ex-aluno de Educação Física da UNICAMP, ex-ginasta, companheiro de equipe, que se transformou num destacado artista circense (acrobata palhaço e *casateiro -especialista em quedas /“tombos”*).

Já na FEF-UNICAMP, em 2001, como aluno regular, uma outra personalidade e com brilhante trajetória circense e musical, João Paulo Simão, tinha acabado de se formar, mas deixou um nome e uma pesquisa na perna de pau, onde pude graças a ele e os equipamentos por ele deixados na salinha de equipamentos do GGU pude experimentar e praticar esta modalidade. Hoje é integrante do grupo Barbatuques como percussionista corporal.

Outro amigo brilhante, artista de circo que conquistou “o coração de todos os brasileiros” fazendo circo e falando dele por onde passou, incluindo a televisão. Refiro-me a Domingos Montagner, um apaixonado pelo circo, palhaço da Cia Lamínima, professor de Educação Física, ator, trapezista, músico e palhaço e que infelizmente teve sua brilhante trajetória de vida interrompida por uma fatalidade. Conheci Domingos primeiramente por conviver no meio circense e transitar em espaços de treinamentos e assisti a diversos espetáculos que ele fazia. Depois fui convidado a participar do elenco do Circo Zanni onde atuou como diretor do espetáculo, possibilitando nossa aproximação, pelo qual sempre tive respeito e admiração.

6. Quais foram ou são as principais dificuldades e desafios enfrentados como profissional de circo?

Resistir, persistir e reinventar. Ser o que se quer ser, encontrar os meios e caminhos para construir uma identidade, uma linguagem particular para pesquisar universalmente (amplamente), porém buscando uma forma própria de fazer arte, em específico o circo. Poder dedicar-se única e exclusivamente ao ofício sem se preocupar “diretamente” com o que o mercado solicita. Autonomia criativa.

Constantemente somos atraídos por mercados externos (europeu, norte-americano, chinês entre outros), pois eles se mostram atraentes e promissores. Sabemos que o artista de circo no Brasil passa por inúmeras dificuldades, muitas vezes, tem que abrir mão de seus desejos artísticos para tornar-se um empresário, produtor, montador, e até mesmo um artista que se

especializa em tudo, menos no que realmente gostaria de fazer ou atuar. O tempo de treinos, ensaios e aprimoramento técnico e artístico competem com a real necessidade de produzir, administrar, participar de editais, criar e escrever projetos, vender, entender e entrar nas leis de incentivo. Esse é um entrave! Penso que o mercado brasileiro está, de modo geral, estimulando um circo imediatista, repetitivo e, infelizmente, com uma vida útil muito reduzida. Um espetáculo dificilmente tem uma vida longa dentro do território brasileiro, refiro-me à anos, por isso os grupos e companhias tem optado por criar um ou dois espetáculos por ano. Isso acontece, claro, devido ao mercado, ainda instável e em desenvolvimento em nosso país.

Por certo, temos um circuito de festivais de circo nacionais e internacionais ainda reduzido, embora crescente, e que financia apenas necessidades básicas, ou seja, os custos operacionais/logísticos, e raramente pagando o artista por sua arte. Porém, apesar desse panorama pessimista, existem possibilidades de prosperar, pois o mercado está com sede de bons espetáculos, bons artistas. Pensando nisso, temos que encontrar os caminhos que ainda não estão definidos.

A única coisa que me parece certa é que a classe circense tem que se unir e se apropriar dos direitos e políticas públicas. E isso está acontecendo, embora mais lentamente do que desejamos. Em São Paulo, por exemplo, os artistas circenses, a duras penas, se viram obrigados a dar as mãos (não todas claro), e se organizar como um grande coletivo com voz, identidade e engajamento, mobilização esta que culminou em aprovar a Lei de Fomento Municipal ao Circo. Alguns programas estaduais de financiamento e fomento ao circo como o Festival Paulista de Circo, PROAC (Edital & ICMS)⁹, mostram essa pequena, porém importante evolução. Temos que seguir na luta, encontrando formas de ampliar este panorama. Assim, uma possibilidade seria institucionalizar pelo menos um festival de circo nacional e internacional por Estado (melhor seria por cidade, claro!), proporcionalmente ao tamanho de cada cidade. Acredito que isso possibilitaria um circuito gigantesco de consumo, viabilizando e melhorando este panorama.

O desejo de treinar, ensaiar e criar não acabou ainda, e não pode ser engolido pela real necessidade de pagar as “contas básicas”. Por isso trabalho para que os projetos sejam continuados, profundos e vitalícios. Que possamos continuar lutando pelo circo, por seu reconhecimento e por uma profissão digna, enfim, poder ser o que se quer ser.

7. Quais foram suas grandes conquistas e aprendizagens no âmbito artístico, e mais precisamente com o circo?

Criar junto de meu irmão um trabalho sério e continuado, uma companhia de circo (“Irmãos Sabatino” como disse antes). Aprender a arte dos trapézios voadores, viajar e continuar viajando pelo mundo. Ser um trapezista em balanço, um mini-básculeiro, produtor, idealizador, criador, diretor e gestor cultural. Interagir com públicos diversos, em diferentes

⁹ Para maiores esclarecimentos ver <http://www.proac.sp.gov.br/>, e http://www.proac.sp.gov.br/proac_icms/principal/

localidades e aprender a ser versátil e adaptável. Ter o privilégio de encontrar grandes mestres e professores que transmitiram suas histórias, seus conhecimentos.

8. Em sua opinião, quais seriam as contribuições da Educação Física para o circo?

Em primeiro lugar, a maior valorização dos conhecimentos ainda vivos nos mestres e professores de circo que, hoje em dia, são marginalizados e excluídos por não terem uma formação acadêmica. Por sorte a FEF-UNCIAMP tem feito isso, aliás, é algo que a distingue, destaca, e que ajudou no seu reconhecimento nessa área. Sabemos que a maioria dos artistas circenses bebeu nessa fonte, mas a Universidade ainda se vê distante dessas pessoas, o que aumenta a falta de apoio e do devido reconhecimento a elas pela sociedade.

Logo, penso que os cursos de Educação Física poderiam abrir mais espaços e criar melhores conexões com as escolas de circo, professores, diretores, alunos dessas escolas espalhadas pelo mundo, e principalmente com instituições (como da Bélgica, França, Canadá, ...) que oferecem a formação superior em circo, algo já destacado pela tese do amigo Rodrigo Mallet Duprat (2014).

Quem sabe uma universidade com um trapézio de voos e uma lona de circo onde os alunos pudessem aprender a montar a estrutura, e converter-se num espaço artístico para receber programações e contribuir para o fortalecimento dessa área.

Por fim, a universidade poderia fomentar e apoiar eventos de circo, como foi a X Convenção de Malabares e Circo organizada em 2008 pelo grupo CIRCUS na FEF-UNICAMP, bem como os muitos seminários internacionais já realizados na Unicamp, além de disponibilizar uma área para que circos possam estar mais presentes nos campus. Será esse um sonho?



Figura 3 – Irmãos Sabatino – Noite de Gala (*Petit Volant*) – Teatro Municipal de São Paulo, 2014.

9. Como está o mercado de trabalho para os artistas circenses no Brasil e no exterior?

Quais são as tendências?

Vivemos tempos de transformação e também de “crise” tanto no cenário nacional como internacionalmente. A redução de investimentos públicos e privados no setor artístico e de entretenimento é notável, mas graças a esforços e trabalhos coletivos, os artistas de circo seguem lutando, mantendo essa arte presente e ativa, ajudando a construir sua identidade e, quem sabe, um maior reconhecimento social. Há, ainda, muitos editais, leis de incentivo e possibilidades de financiamento (DUPRAT, 2014), embora seja esse sempre um caminho difícil e às vezes injusto. Por isso, entendo que é tempo de articular, reunir forças com outros artistas em prol dos direitos básicos.

Como afirmei, o mercado ainda é amplo e tem muitas oportunidades, temos que seguir buscando caminhos.

10. Quais são seus projetos para o futuro?

Após um período de 10 anos de experiência, a Cia Irmãos Sabatino busca uma maneira de se internacionalizar. Assim, mudamos o nome para *Sabatino Brothers*, com o objetivo de alçar voos em outros países. Temos intenção de atuar em circuitos culturais europeus, canadenses e também na Ásia, ou seja, estamos cada vez mais buscando fortalecer nossos espetáculos e projetos. Além disso, a criação de um espetáculo solo está em vista, o que é um grande desafio, pois sempre trabalhei com trupes (mais artistas) para compor os espetáculos.

11. Por fim, você gostaria de deixar alguma mensagem para nossos alunos e também para todos os profissionais que leem a Revista Conexões, especialmente no que concerne à construção da carreira profissional?

Quero agradecer a oportunidade de expor um pouco de minha experiência como artista de circo (trapezista, acrobata...), e mostrar que escolhi o circo como profissão e como uma “outra faculdade”. Agradecer também à FEF-UNICAMP e a todos os professores que abriram meus caminhos como um ser pensante, propagando conhecimentos e experiências. O relatar do meu grande respeito pelos mestres circenses Marion Brede, Alex Brede e Claudio Costa. Grande emoção em recordar os parceiros e amigos de aventuras, treinamentos e criações circenses, que me permitiram realizar muitos espetáculos, números, esquetes, ... Tudo com muito amor e certa dose de intuição. Devo agradecer ainda a todos os grupos que acreditaram em meu potencial e me convidaram a integrar, compartilhar conhecimentos e encantar plateias: Cia do Circo, Cia Paraladosanjos, Loscircolos, Espaço Cultural Semente, Cia Irmãos Sabatino, Circo Zanni, Cia K, Acrobático Fratelli, La Mínima, Lume Teatro e a FEF-UNICAMP que ajudaram a graduar-me na faculdade da vida. Por fim, dizer que a UNICAMP proporcionou um ambiente rico em valores humanos com amplo potencial de se desenvolver e aprofundar no que se deseja. Bons voos a todos! Viva o circo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, nós entrevistadores é que agradecemos sua disponibilidade, revelando alguns traços de uma brilhante trajetória profissional, que certamente pode inspirar estudantes e profissionais da Educação Física e de outras áreas do conhecimento. Sua carreira mostra a necessidade de pensarmos a “Universidade” de modo mais “universal” onde as fronteiras dos conhecimentos sejam superadas, por meio da qual as pessoas recebam suporte para desenvolver suas ideias e aprofundar-se naquilo que realmente desejam.

Nós, como docentes e pesquisadores do circo, também vemos o enorme potencial que a Universidade possui diante de uma arte tão diversa e rica, como é o circo. Por isso, esperamos que as universidades realmente se mostrem mais abertas às novas possibilidades, que atuem de modo multidisciplinar, como sugerem Coelho e Minatel (2011).

REFERÊNCIAS

- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CELANTE, Adriano Rogério. O ensino das atividades circenses no curso de Educação Física: experiências na universidade pública e privada. In: PEREIRA, Elizabete Monteiro de Aguiar; CELANI, Gabriela; GRASSI-KASSISSE, Dora Maria (Org.). *Inovações curriculares: experiências no ensino superior*. Campinas: FE/UNICAMP, 2011, p. 178-190.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MALLET, Rodrigo Duprat; TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto. Atividades circenses na FEF-UNICAMP: a construção de uma nova área de estudos e pesquisa. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; ONTAÑÓN, Teresa Barragan; SILVA, Erminia (Org.). *Circo: horizontes educativos*. Campinas: Autores Associados, 2016, p. 225-257.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho et al.. O circo na universidade: por uma coerência entre as práticas de ensino, pesquisa e extensão. In: SCHNEIDER, Omar; GAMA, Jean Carlos Freitas. (Org.). *Educação Física e seus caminhos: programa de educação tutorial*. Vitória: Virtual Livros, 2017, p. 139-160.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; SILVA, Ermínia. Circo: educando entre as gretas. *Rascunhos - Caminhos da pesquisa em Artes Cênicas*, v. 4, n. 2, p. 102-117, 2017.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Entre o esporte e a arte circense: entrevista com Mariana Maekawa. *Conexões*, Campinas, v. 13, p. 230-235, maio 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637586>>.
- BURNIER, Luís Otávio. *A arte de ator: da técnica à representação*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- CHIODA, Rodrigo A. *Uma aventura da alegria e do risco: narrativas de um professor de educação física sobre o ensino das atividades circenses*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

COELHO, Gabriel M. *Quando o Chão não Basta – Reflexões sobre a Virtuose Acrobática em uma Criação Aérea Circense*. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

COELHO, Marília; MINATEL, Roseane. Circo: a arte do riso e prática da reconstrução social. *TÓPOS*, v. 5, n. 1, p. 203-230, 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2278>>.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. *Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MATHEUS, Rodrigo Inácio Corbicier. *As produções circenses dos ex-alunos das escolas de circo de São Paulo, na década de 1980 e a constituição do Circo Mínimo*. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

MIRANDA, Rita de Cassia Fernandes. *Do tecido à lona: as práticas circenses no "tear" da formação inicial em educação física*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

OLIVEIRA, Maurício S.; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008). *Revista Motriz*, v. 15, p. 297-309, 2009.

PAOLIELLO, Elisabeth et al. *Grupo Ginástico Unicamp 25 anos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.

STOPPEL, Erica R. *O artista, o trapézio e o processo de criação: reflexões de uma trapezista da cena contemporânea*. Dissertação (mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.